

ELSINORE



**ÉDOUARD
LOUIS**
MUDAR: MÉTODO

Para Giovanni S.

Nada mais sou do que um pretexto.

JEAN GENET
Diário do Ladrão

DOIS PRÓLOGOS

É meia-noite e meia e começo a escrever neste quarto escuro e silencioso. Lá fora, através da janela aberta, ouço vozes na noite e sirenes da polícia ao longe.

Tenho vinte e seis anos e alguns meses, a maior parte das pessoas diria que tenho a vida toda à minha frente, que ainda nada começou, e, no entanto, já há bastante tempo que vivo com a sensação de ter vivido demasiado; imagino que é por causa disto que a necessidade de escrever é tão profunda, como uma forma de fixar o passado na escrita, e assim, suponho, de me livrar dele; ou talvez, pelo contrário, o passado esteja agora de tal modo ancorado em mim que me impõe que fale dele, a todo o momento, a cada oportunidade, que me venceu e que julgando livrar-me dele apenas reforço a sua existência e o seu império sobre a minha vida, talvez eu tenha sido apanhado na armadilha — não sei.

Tinha vinte e um anos e era já demasiado tarde, já tinha vivido demasiado — conhecera a miséria, a pobreza na infância, as cenas repetidas da minha mãe, que me pedia para ir bater à porta dos vizinhos, ou da minha tia, a voz implorante para que nos dessem um pacote de massa ou um frasco com polpa de tomate, porque já não havia dinheiro e ela sabia que uma criança suscitaria mais facilmente a piedade do que um adulto.

Conhecera a violência, o meu primo morto na prisão com trinta anos, o meu irmão mais velho doente com o seu alcoolismo desde a adolescência, que acordava ébrio de manhã antes de ter bebido, de tal forma o álcool lhe impregnava o corpo,

a minha mãe que o negava com todas as forças para proteger o filho, jurando sempre que seria a última vez que bebia, que depois disso ele nunca mais voltaria a beber. As rixas no café da aldeia, o racismo obsessivo das comunidades rurais e isoladas presente em cada palavra ou quase, em cada frase, *Isto aqui já nem é França, é África, já só se vê estrangeiros por todo o lado*; o medo constante de não *chegar ao fim do mês*, de não conseguir comprar lenha para aquecer a casa ou de não conseguir substituir os sapatos rasgados dos filhos, as frases da minha mãe, *Não quero que os meus miúdos passem vergonha na escola*, e o meu pai; o meu pai doente por causa de uma vida de trabalho na fábrica, na linha de montagem, depois nas ruas a varrer a porcaria dos outros, o meu avô doente por causa da mesma vida, doente por a sua vida ser a reprodução quase exata da vida do bisavô, do avô, do pai e do filho: privação, precariedade, abandono da escola aos catorze ou quinze anos, vida na fábrica, doença. Quando eu tinha seis ou sete anos, olhava para estes homens à minha volta e pensava que a sua vida seria a minha, que um dia eu iria para a fábrica como eles e que a fábrica me faria vergar as costas também a mim.

Eu tinha fugido desse destino e fora vendedor numa padaria, porteiro, livreiro, empregado de mesa, pica-bilhetes em diferentes teatros, secretário, professor particular, prostituto, monitor em colónias de férias, cobaia para experiências médicas. Por milagre, tinha estudado numa escola considerada uma das mais prestigiadas da Europa, de onde saíra com um diploma em Filosofia e Sociologia quando mais ninguém estudara na minha família. Lia Platão, Kant, Derrida, Beauvoir. Conhecera, depois das classes mais pobres do norte de França, a pequena burguesia da província, a sua acrimónia, depois, um pouco

mais tarde, o mundo intelectual parisiense, a grande burguesia francesa e internacional. Convivera com as pessoas mais ricas do mundo. Fizera amor com homens que possuíam na sua sala obras de Picasso, de Monet, de Soulages, que só viajavam de avião privado e que passavam o tempo em hotéis onde uma noite, uma única noite, custava aquilo que toda a minha família ganhava, quando eu era criança, num ano de trabalho, uma família de sete pessoas.

Estivera próximo — pelo menos fisicamente — da aristocracia, jantara em casa de duques e princesas, comera caviar e bebera várias vezes por semana champanhes raros com eles, passara as férias em mansões na Suíça que pertenciam ao presidente da câmara de Genebra, que se tornara meu amigo. Conhecera a vida dos traficantes de droga, amara um homem que reparava as vias-férreas e outro que, com pouco mais de trinta anos, passara um terço da vida na prisão, dormira nos braços ainda de outro numa cidade reputada como uma das mais perigosas de França.

Com pouco mais de vinte anos, mudara de apelido na conservatória, mudara de nome próprio, transformara o meu rosto, redesenhara a estrutura da minha implantação capilar, sofrera várias operações, reinventara a minha maneira de me mexer, de andar, de falar, de fazer desaparecer o sotaque do Norte da minha infância. Fugira para Barcelona para recomeçar lá a minha vida com um aristocrata arruinado, tentara ir para a Índia e abandonara tudo, vivera num estúdio minúsculo em Paris, fora proprietário de um grande apartamento num dos bairros mais ricos de Nova Iorque, caminhara sozinho durante semanas pelos Estados Unidos, em cidades médias desconhecidas e fantasmáticas, para tentar desfazer-me daquilo em que a minha vida se tornara. Quando voltava a casa para ver o meu pai ou

a minha mãe, já não se sabia o que dizer, já não falávamos a mesma língua, tudo o que eu vivera em tão pouco tempo, tudo o que atravessara, tudo isso nos separava.

Escrevera e publicara livros antes de festejar os meus vinte e cinco anos, viajara pelo mundo inteiro para os apresentar, fora ao Japão, ao Chile, ao Kosovo, à Malásia e a Singapura. Dava conferências em Harvard, em Berkeley, na Sorbonne, começara por ficar impressionado com esta vida, depois fiquei indiferente e enfastiado.

Escapara por pouco à morte, vivera a morte, experienciara a sua realidade, perdera o usufruto do meu corpo durante semanas.

Mais do que tudo, quisera fugir da minha infância, quisera escapar ao céu cinzento do Norte e à vida condenada dos meus amigos de infância, privados de tudo pela sociedade, tendo como única perspectiva de felicidade as noitadas passadas várias vezes por semana nas paragens de autocarro da aldeia, a beber cerveja e pastis em copos de plástico, tudo isto para esquecer, esquecer a realidade. Sonhara ser reconhecido na rua, sonhara ser invisível, sonhara desaparecer, sonhara acordar uma manhã e ser uma rapariga, sonhara ser rico, sonhara recomeçar tudo.

Às vezes queria deitar-me num canto, afastado de tudo, cavar um buraco, enterrar-me nele para não voltar a falar, não voltar a mexer-me, à guisa daquilo a que Nietzsche chama o fatalismo russo, isto é, como esses soldados que, esgotados por combaterem há imenso tempo, aniquilados pela fadiga das refregas, com o corpo dorido, pesado, se deitam no solo, algures longe dos outros, na neve, aguardando que a morte chegue.

É essa história — essa odisseia — que gostaria de tentar contar aqui.

Subo as escadas aos dois degraus de cada vez. Já não sei no que estava a pensar nesse vão de escada, imagino que contava os degraus para não pensar noutra coisa.

Cheguei à porta, recuperei o fôlego e toquei à campainha. O homem aproximou-se do outro lado da parede, eu ouvia-o, detetava-lhe o som dos passos no parquet.

Falara pela primeira vez com ele num *site* apenas duas horas antes. Fora ele a contactar-me. Dissera-me que gostava de rapazes como eu, jovens, magros, louros, de olhos azuis – especificara: tipo ariano. Pedira-me que me vestisse como um estudante e eu fizera-o, pelo menos segundo a ideia que ele fazia de um estudante, usava uma enorme camisola com capuz que Geoffroy me emprestou e uns ténis azul-celeste, os meus preferidos, submeti-me ao seu desejo na esperança de que me desse mais dinheiro do que aquele que já me prometera, para me recompensar pelos meus esforços.

Eu aguardava.

Ele acabou por abrir a porta e ao ver-lhe o corpo tive de contrair os músculos do rosto para não fazer uma careta – não tinha nada que ver com as fotografias que me enviara, o seu corpo era flácido, pesado, não sei como dizer, como se estivesse a cair ou, melhor, a escorrer para o chão.

Só a deslocação até à porta já lhe custava imenso, eu via-lhe o cansaço, a ofegação, a transpiração na forma de dezenas

de gotículas minúsculas que lhe brilhavam na testa; eu tentava olhar o menos possível para ele, queria evitar ver-lhe os detalhes do rosto, e pensava Em menos de meia hora estarás longe daqui com o dinheiro. O seu odor chegava até mim, um odor sintético a baunilha, a leite derramado. Concentrava-me nesta frase Em menos de meia hora, o dinheiro, quando de repente ouvi vozes atrás dele, no apartamento. Eram vozes de homens, vários, talvez três ou quatro; perguntei-lhe quem eram; ele sorriu e disse-me: Ninguém. Podes fazer como se não estivessem aqui, estão habituados, costume chamar prostitutas, não és o primeiro. Vamos para o meu quarto e ignora-os.

Eu pensava: não quero que outros me vejam a cara — a vergonha começava a crescer em mim, subia-me pelo corpo desde a extremidade dos dedos até à nuca, como um fluido tépido, paralisante, e eu reconhecia-o pela ardência. Ameacei-o dizendo-lhe que ia voltar para casa. Pensava que a minha frase o ia magoar ou irritar, mas ele não tentou reter-me, propôs-me calmamente dar-me cinquenta euros para a deslocação se eu quisesse voltar atrás e ir para casa, e eu detestava-o por não se enervar. Precisava de mais do que cinquenta euros. Disse Está bem, vamos direitos para o teu quarto, eles não me veem, ponho o capuz.

Jurou-me que os amigos não iam tentar ver-me a cara. Não queriam saber, ele começava já a virar-se, eu via-lhe a nuca branca e gorda, Pensa no dinheiro, pensa no dinheiro.

Atravessei a sala com ele. Ele ia à minha frente. Eu baixava a cabeça, o capuz escondia-me o rosto. No quarto, ele sentou-se na beira da cama, o contacto do seu corpo pesado com o colchão produziu um ruído seco e agudo.

«Uma questão impôs-se no centro da minha vida, concentrou todas as minhas reflexões, ocupou todos os momentos em que eu estava sozinho comigo mesmo: como poderia eu vingar-me do meu passado, por quais meios? Tentei de tudo.» É. L.

Quase uma década depois do seu fulgurante livro de estreia, *Para Acabar de Vez com Eddy Bellegueule*, Édouard Louis retoma a narrativa da sua odisséia pessoal de sobrevivência e transformação. Determinado a libertar-se a qualquer custo da estreiteza do seu meio, Eddy reinventa-se: instala-se em Paris, aprende uma nova linguagem, novos gestos, novos gostos, metamorfoseia-se em Édouard, o escritor de sucesso internacional.

Relato corajoso, de uma lucidez e franqueza assombrosas, *Mudar: Método* descreve um percurso de ascensão social nos seus mais íntimos e dolorosos detalhes, em que a violência, a exclusão, a homofobia, as diferenças de classe e o sonho convivem com uma nostalgia do passado.

«Um Édouard Louis mais literário do que nunca.»

FranceInter

«Um autor que tem algo a dizer e que está preparado para dizê-lo sem se importar consigo mesmo.»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinare.pt](https://www.facebook.com/elsinare.pt)

[i penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-550-2



9

789895 895502